

# António Garcez

## O eterno *rocker* que viveu duas vezes

Nos anos 1970, nos Arte & Ofício ou nos Roxigénio, construiu a imagem de *rocker* total, excessivo, intenso, incontrollável. Em 1986, partiu para os Estados Unidos. Começava uma nova e inesperada vida. No momento em que regressa aos discos com *Vinde Ver Isto*, viajamos com ele por uma história tão longa quanto extraordinária

Por Mário Lopes texto e Paulo Pimenta fotografia

**N**ão estava a correr como imaginara, muito longe disso: António estava sentado no quarto de um motel sujo e barato em Newark. Olhou para as “cortinas cheias de trampa”, olhou em redor e pensou para si mesmo: “Porco, badalhoco, isto é o horror!” Sentou-se na cama, sozinho em terra estranha, e, ele que parecia sempre tão confiante, tão seguro de si, sentiu-se aflito, intimidado, pequenino.

Estávamos em 1986. António saíra de Portugal num impulso, quando os Estados Unidos – ajudou ter o convite de uma familiar de uma amiga para o receber por lá. Mas depois perdeu o voo de ligação de Boston para Nova Iorque e no dia seguinte, quando chegou finalmente ao aeroporto JFK, o mal estava feito. Furiosa com a espera, a pessoa que o iria acolher negou-lhe alojamento. Conduziu-o a um motel

de Newark, deu-lhe 90 dólares para pagar o quarto por uns dias e desapareceu. António ficou uma semana, perdido, a chorar pelos cantos. Até que, num restaurante, começam a reconhecê-lo, tal como o reconheceria o homem das Caldas da Rainha que geria o hotel. “Ei, é o António Garcez!”, apontavam, apresentavam-se, diziam enquanto se aproximavam da *jukebox* para pôr o restaurante ao som do hard-rock dos Roxigénio. Era ele, sim.

António Garcez. Tinha atrás de si os Roxigénio e os Arte & Ofício, os Psico e os Pentágono. Tinha memórias de cantar com os últimos na célebre festa do *jet-set* na Quinta Patiño, provavelmente o maior encontro de realeza e celebridades registado no país – “estás a ver eu a cantar para a Sophia Loren, que era a mulher mais linda do mundo, e o Omar Sharif, com aqueles olhos grandes que todas as mulheres adoravam? Foi brutal!”

Recordava temporadas no Casino da Póvoa e incontáveis bailes de finalistas, quando inte-

grava os Módulos Um, estávamos ainda nos anos 1960. Lembrava-se de ter dormido ao relento junto ao rio e de ser comido vivo por mosquitos em Vilar de Mouros, entrávamos já nos anos 1970 – depois saltou para o palco e, apesar do sistema de som precário, cá vai disto, que o rock’n’roll é atitude e não há-de ser travado por sistemas de som precários. Lembrava-se ele, e lembravam-no eles, os emigrantes portugueses no restaurante e nas ruas de Newark: o vozeirão tão capaz de subir oitavas escala acima sem perder o norte como de gritos furiosos e do tom aveludado de *crooner*, o espalha-brasas que se transformava em palco, saltando, gesticulando, suporte de microfone em rodopio, microfone atirado à tola de um gajo qualquer que se armasse em parvo e quisesse estragar o momento.

António Garcez, o rosto de uns Arte & Ofício admirados pelo fervoroso espectáculo de palco e pelo virtuosismo musical, caldeirão onde se misturava blues, rock, prog, funk e jazz; o

líder dos Roxigénio ao lado do grande guitarrista Filipe Mendes, a quem Manuel João Vieira ainda não dera o imortal pseudónimo Phil Mendrix, o homem dos gestos polémicos, sem filtros: “Canta em português, vai cantar inglês para a América!”, gritaram-lhe no Festival Só Rock, em Coimbra, no Calhabé, e ele não se ficou, calças puxadas para baixo, *flashes* disparados num frenesim, 30 mil em delírio, presidente da câmara e demais figuras institucionais indignadas e ele a gritar em resposta: “A América está aqui!...”

Acabou a noite numa cama de hospital (um salto mal medido de cima de um amplificador deixou-o em mau estado) e, menos de um mês depois, o episódio resultava em divórcio (a família da mulher cortara relações com ele). Não se arrepende: “Diziam-me que a minha carreira ia acabar. ‘Vocês não entendem nada de rock’n’roll. Estou bem contente de ter feito o que fiz’”, diz ao P2. “Os idiotas não gostaram, mas o resto do pessoal ficou ‘wow!’. Não causou





impressão negativa, causou no lado conservador, mas a maior parte do pessoal [no início dos anos 1980] já estava fora desse conservadorismo...”

Em Newark, poucos anos depois, lembravam-se dele como a estrela rock de um país onde elas eram raras, mais raras ainda se fossem como ele, polémico e provocador, desbocado e avesso ao respeitinho, visceralmente convicto do que era e do que deveria ser o rock'n'roll enquanto excesso, transcendência, libertação. Vivía-o e não se coibia de o dizer. A malta incauta a juntar-se aos pares para dançar como em arraial de Verão e ele a parar os concertos: “Foda-se, parem com isso. Isto é uma banda rock, não é para dançar assim” – e a malta parava, que lhe tinha muito respeito e sabia que, se ele se chateasse, saía palco fora e não havia concerto para ninguém.

Ali estava então, com tudo isso na memória, nos EUA cuja música tanto o inspirara, mas sem saber o que fazer agora que ali chegara.

### Uma aventura rock'n'roll

O passado de cantor de rock ajudou-o a integrar-se nos EUA, mas não foi enquanto tal que acabaria por singrar no outro lado do Atlântico. Muitas peripécias depois, ingressou na universidade e cursou Engenharia. O seu primeiro trabalho nesta área seria numa empresa de biotecnologia farmacêutica, a Imclone Incorporated, que desenvolvia tratamentos para doentes oncológicos. Para Garcez, esta foi também “uma aventura muito rock'n'roll”

Na *jukebox* continuava a tocar uma canção dos Roxigénio, mas os Roxigénio já não existiam, nem os Stick, última aventura musical, em modo synth-pop, antes de sair de Portugal. Nem eles nem os Arte & Ofício, nem os Psico, nem os Pentágono, nem os Módulos Um (estamos em residência no Casino da Póvoa), nem Os Boínas Verdes (estamos no serviço militar de António, no curso de pára-quedistas), nem Os Abutres ou Os Corvos (estamos em meados dos anos 1960 e António, nascido em Matosinhos, jogador do Leixões ao lado de futuras figuras do futebol nacional, como o guarda-redes Fonseca, o avançado Chico Faria ou o defesa-esquerdo Barros, estuda na Escola Industrial Infante Dom Henrique, no Porto).

### O regresso

Óculos escuros no rosto, casaco de cabedal preto, cabelo curto grisalho, ainda ágil de uma forma que não denuncia os 73 anos que já con-

ta, António Garcez conversa com o P2 numa esplanada lisboeta com o Tejo a dois passos de distância. “*I'm back*”, diz ele. Neste Dezembro de 2021 em que o encontramos, a expressão tem duplo sentido. Garcez está de volta a Portugal, mas não está simplesmente de regresso para matar saudades dos amigos e do país, como faz regularmente. *I'm back* é o título de uma das canções de *Vinde Ver Isto*, que anuncia o seu regresso aos álbuns a solo, 20 anos depois de um *Rio Abaixo* que não lhe deixou boas recordações, culpa, diz, do trabalho da editora na produção das canções gravadas nos Estados Unidos. “Fiquei muito desapontado e, basicamente, abandonei a música em relação a Portugal. Pensei ‘vou visitar amigos e família’, faço uns grandes jantares, mas nada mais”. Mas um homem não pode deixar de ser o que é.

Em 2010, os Arte & Ofício são convidados para participar num concerto de homenagem ao pop/rock português organizado pela Sociedade Portuguesa de Autores, no qual →

participaram também os Xutos & Pontapés, Afonsinhos do Condado, Ekos, Táxi, Ena Pá 2000, Quarteto IIII, Victor Gomes, Sindicato, Ekos ou o Quinteto Académico. O entusiasmo pelo reencontro com os antigos companheiros de banda levou a que não descansasse enquanto não os reunisse para um concerto oficial. Em 2014, na Casa da Música, os Arte & Ofício em palco novamente. Garcez e o co-fundador Sérgio Castro, baixista, bem como o baterista de sempre, Álvaro Azevedo, e músicos que também passaram pela formação da banda, como o guitarrista Fernando Nascimento e o teclista Jorge Filipe.

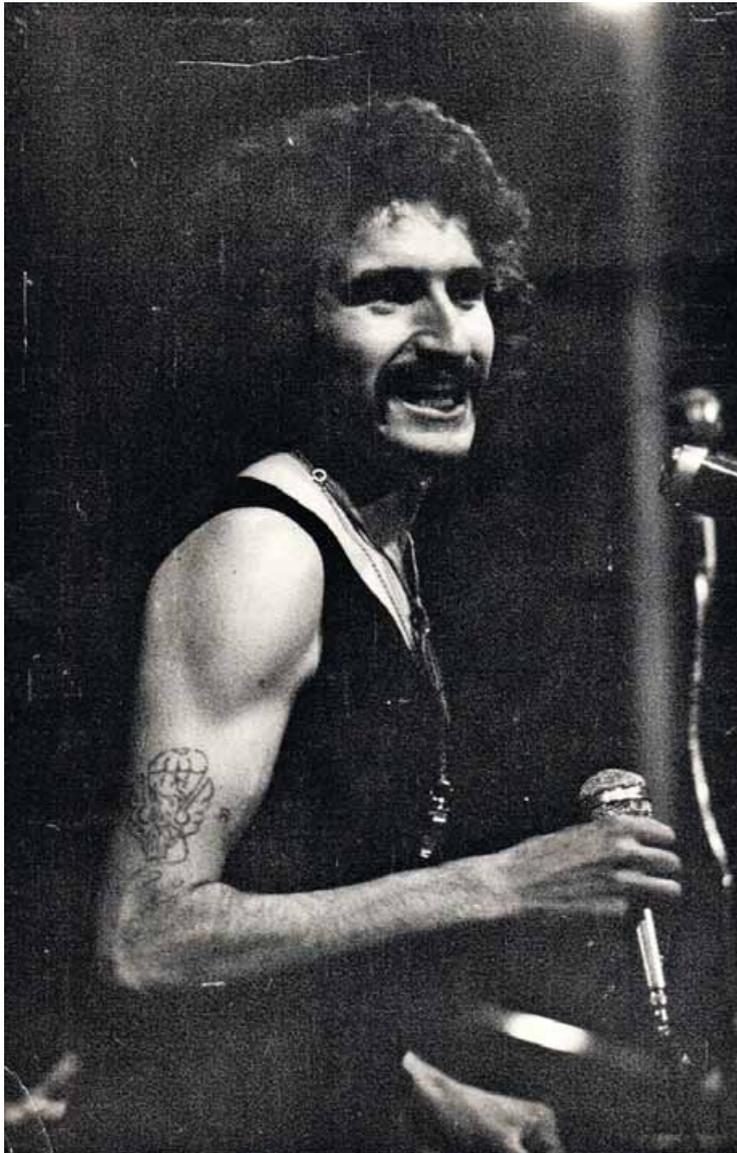
O regresso aos discos começou a ser desejado alimentado por António Garcez e ganhou forma com o encontro *online* com um músico alentejano 40 anos mais novo, Ricardo Gordo, guitarrista de rock e de peso metaleiro, mas também de guitarra portuguesa. António achou que a guitarra portuguesa seria o elemento que faltava numa canção antiga, *Musa do meu rimar*, escrita há muito, nos EUA, quando bateram saudades de Portugal. Dessa canção passaram para algo mais ambicioso: “Vamos fazer um álbum?”. Gravado em vários momentos diferentes, quer à distância, quer com músicos frente a frente em Espanha, Lisboa e no Porto, será apresentado ao vivo dia 26 de Março no Hard Club, no Porto, e, a 2 de Abril, no RCA, em Lisboa.

No meio do relato de todo o processo que conduziu a este grito que agora se solta, “*I’m back!*”, António Garcez recorda o dia em que lhe chegou a casa a revista da SPA dedicada ao concerto de homenagem ao pop/rock português. Viu-se na capa, leu frases como “o maior momento da noite, António Garcez, um animal em palco”, e pensou para si na sua casa americana: “Eu não sou *rock*er nenhum, sou um engenheiro nos Estados Unidos...”

Muito aconteceu desde que perdeu o avião em Boston e se viu perdido num motel em Newark. É extraordinária a vida de António Garcez, da infância pobre em Matosinhos ao estrelato português enquanto representação máxima do espírito rock, daí até aos EUA onde se formou engenheiro, trabalhando em empresas de topo, onde se tornou família de *mayors*, senadores e lendas do desporto, onde casou duas vezes e teve mais um filho, o segundo. São extraordinárias as duas vidas de António Garcez.

“A cena de ser cantor de rock ajudou-me muito. E tinha os álbuns e uns vídeos que tinha levado para o provar”, conta, a certa altura. António Garcez deixara Portugal num ímpeto quando o ambiente em Portugal se tornara pouco favorável. “1985 foi um desastre para o rock português. As bandas começaram todas a desaparecer. Depois daquele *boom* todo, foi-se tudo abaixo. Ninguém vendia discos.” Um ano antes, montara os Stick com Sérgio Castro, investida pela synth-pop e desvio à sua identidade *rock*er de que não guarda as melhores memórias. “Ainda conseguimos fazer uns 30 concertos em 1985, aí pelas touradas, pelos pavilhões, com outras bandas como os UHF ou os Trovante. No fim do Verão de 1985, secou.” E Garcez, homem que não gosta de estar parado, partiu.

“Parar é morrer”, dirá duas semanas depois da entrevista em conversa telefónica com o P2, enquanto conta que, aos 73 anos, continua a trabalhar como engenheiro e, como *hobby*, vai dando conta de uma pequena plantação em sua casa, em Dumont, a cinco minutos de Manhattan, onde vive com aquela que é há vinte anos a sua mulher, Suzanne Dimant, também ela dona de um percurso peculiar: formada em Artes, distinguida na juventude, em 1988,



com um Óscar para obras de estudantes, pelo filme de animação *Why*, é hoje analista financeira numa grande empresa financeira.

### A aventura americana

O passado de cantor de rock ajudou-o a integrar-se nos EUA, mas não foi enquanto tal que acabaria por singrar no outro lado do Atlântico. Começou por trabalhar com um artista que, além de pintar (António montava-lhe as telas), tinha uma linha de design de mesas que abastecia o *atelier* de Sister Parish, decoradora de interiores e *socialite* que trabalhava com a Casa Branca – “o gajo fazia-lhe as mesas, ela pagava-lhe cinco mil dólares e depois vendia-as por 20 mil”. No meio disso, António encontra um muito jovem Carlos Coelho da Silva. O futuro realizador de *O Crime do Padre Amaro* ou *Amália*, que se tornaria um dos seus melhores amigos – é ele que tem dirigido os vídeos para canções de *Vinde Ver Isto* como *Kiss in heaven* –, estudava cinema em Nova Iorque e admirava António Garcez desde que fora surpreendido por uma acção explosiva dos Roxigénio no Pavilhão do Belenenses. Uma noite, os dois no

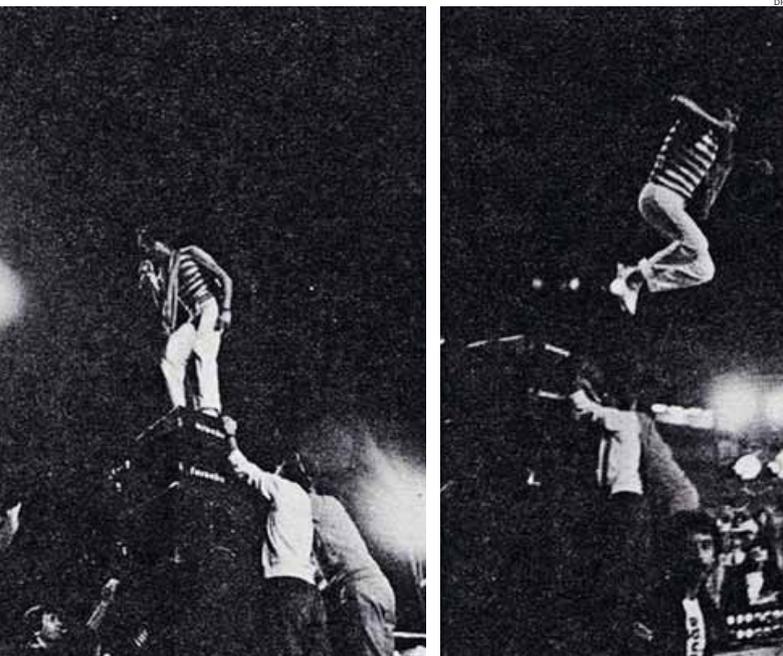


Maxwell's, clube-charneira da música independente dos anos 1980 e 1990 em Hoboken, terra de Frank Sinatra, metem conversa com as raparigas da mesa ao lado. “Adoro o teu sotaque”, disse-lhe uma delas. Três semanas depois, casavam – “sem a família saber, só soube passado um ano”.

Cheryl Cesewsky, antiga namorada de Jon Bon Jovi nos tempos do liceu, seria a mãe do segundo filho de António. Família distinta na área. O seu pai era J. Thomas Cross, *mayor* de South Amboy, onde foi filmado parte de *Rosa Púrpura do Cairo*, de Woody Allen, e o seu tio, Buddy Popowski, uma lenda viva dos Boston Red Sox, equipa de baseball a que esteve ligado, enquanto jogador e treinador, durante mais de seis décadas. A vida de António mudava radicalmente. “Vida de luxo. Grandes festas com políticos, senadores. E aprendi a portar-me bem. Não podia levantar ondas”, recorda, a sorrir. Os conhecimentos do sogro no mundo da música (“era muito amigo do então *manager* de Bruce Springsteen”) deram-lhe a esperança de um regresso ao rock, mas as investidas revelaram-se infrutíferas. Era, obviamente, um desconhecido nos EUA. Que espaço haveria naquele país sobrepovoado de *rockers* para um distinto veterano português de 36 anos?

Não sendo homem para viver à sombra da nova família, arranjou um plano B: ingressou na universidade e cursou Engenharia. O seu primeiro trabalho seria numa empresa de biotecnologia farmacêutica, a Imclone Incorporated, que desenvolvia tratamentos para doentes oncológicos. Apesar de parecerem mundos diferentes, havia na forma como a empresa era gerida semelhanças com a vida na estrada de António Garcez. Por exemplo, quando o preço das acções disparava, a equipa recebia uma chamada do presidente. “Mandava dois autocarros para recolher toda a gente e tomava conta de uma discoteca. Íamos para a discoteca, tudo bêbado, os recursos humanos, os directores. Depois, para o motel dormir e, no dia seguinte, às 7h, toda a gente se metia no autocarro, regressava à companhia e voltava a trabalhar. Foi uma aventura muito rock'n'roll”.

“**1985 foi um desastre para o rock português. As bandas começaram a desaparecer. Depois daquele boom todo, foi-se tudo abaixo**  
António Garcez



A Imclone Incorporated acabou com estrondo, envolvida num muito mediático escândalo de manipulação de ações, António Garcez continuou. Prosseguiu o seu percurso enquanto engenheiro, divorciou-se ao fim de 15 anos de casamento e, no meio disto tudo, até arranjara forma de matar as saudades da música – um dos seus colegas na Imclone era um antigo *roadie* dos Bon Jovi e António tornou-se vocalista da sua banda amadora. No momento em que fala com o P2, com um discurso pontuado aqui e ali por expressões em inglês, tem tanto tempo de vida nos EUA, a terra onde é o engenheiro Garcez, como em Portugal, país onde deixou marca como *rocker* supremo.

### Uma revolta que vinha de dentro

Ainda que refira como modelos para a sua postura em palco, para aquela energia rebelde, insaciável, pioneiros lendários do rock português como Victor Gomes e, sobretudo, Arminho do Rock – viu ambos ao vivo, muito novo, e não mais esqueceu –, a verdade é que, dizemos os relatos de época, havia algo de único na forma como se entregava ao momento, como

### “Outro gajo”

À esq., António Garcez no Festival de Vilar de Mouros, como vocalista dos Pentágono, em 1971. No topo, actuação dos Roxigénio em Coimbra: “Quando começo a cantar e estão a olhar para mim, entusiasmo-me, sou outro gajo. Então comecei a atirar-me para o chão, a rolar, a gritar, os gajos a olharem...”

vivia o calor de um concerto, como interação de forma tão visceral e excessiva com o público. Por vezes, nem precisava de público.

Foi contratado para os Módulos Um quando, num ensaio a que fora com um amigo, o convidam a cantar um tema com a banda. Era *Summertime* – mas António não o cantava da forma habitual. “O Paul McCartney era o meu cantor preferido, mas a minha cantora preferida é ainda hoje a Aretha Franklin”, conta. “Então o meu vocal ia por ali acima. É por isso que, quando interpretava Led Zeppelin, ficava tão próximo do Robert Plant.” Mas, à medida que crescia a intensidade, algo mais acontecia.

“Quando começo a cantar e estão a olhar para mim, entusiasmo-me, sou outro gajo. Então comecei a atirar-me para o chão, a rolar, a gritar, os gajos a olharem...” Quando *Summertime* chegou ao fim, os Módulos Um tinham descoberto um novo vocalista.

Mas de onde vinha, afinal, aquele frémito, aquela forma tão intensa de viver a música, de ser rock’n’roll? A resposta surge sem pausa para pensar. “Era revolta. Nunca contei isto, mas quando era miúdo chamavam-me o ‘pica-pau’, ‘nariz de peça’, ‘remelada das cautelas’, porque tinha um problema nos olhos e muitas remelas desde os cinco ou seis anos.” Era isso, a vingança perante os outros miúdos que o insultavam, e eram coisas mais fundas. “Os meus avós eram muito severos comigo, particularmente no lado da minha mãe, e o meu pai era muito violento. Os pratos em casa eram de alumínio, porque o meu pai atirava a comida e os pratos pelo ar. Tudo isto é um caldo de influências. O palco era libertação, completamente, mas para estar no palco numa positiva, tinha que estar com gente que gostava do que eu estava a fazer e a apoiar-me. Quando alguém quebrava esse apoio...”

António Garcez nasceu em Matosinhos, como já se disse. A sua mãe, “pobre, paupérrima”, era tecedeira numa empresa fabril. O pai, alcoólico, violento para com mulher e filhos, e que morreria jovem, era polidor de móveis. Aos sete anos, a mãe não aguentou mais. António mudou-se com mãe e irmãos para casa dos avós maternos. O avó, pintor da construção civil, e a avó, tecedeira como a filha, eram gente rígida e pouco inclinada a pensar um futuro diferente para o neto. Queriam que abandonasse a escola e comesse a trabalhar. Uma professora de António Garcez chama a mãe à escola e tem um gesto providencial: explica-lhe que o filho é o melhor aluno da turma e que será um desperdício perdê-lo. António passa então a viver com os avós paternos. O avó, além de gerir uma fábrica com duas dezenas de trabalhadores, é músico, maestro de filarmónica. De casa dos avós maternos, trouxera o gosto pelo fado, em particular Amália Rodrigues e Fernando Farinha, que mantém até hoje. Com os avós paternos, aprofundou a devoção pelas grandes vozes de Frank Sinatra ou Nat King Cole. Entretanto, chega o rock’n’roll.

Junta-se a bandas em Matosinhos, salta para bandas do Porto, muda-se para a Póvoa enquanto vocalista da banda residente no Casino, é convidado para os Pentágono, e depois os Psico, e então os Arte & Ofício, depois Roxigénio – já conhecemos a história. Em todas elas, aquele sentimento de libertação de que nos falou. Em todas elas, aquela revolta que referiu sem pestanejar. Revolta que era, também, uma forma de emancipação.

“Eu tinha um complexo do caracaz de ser pobre”, diz. “As pessoas hoje não fazem ideia, mas naquela altura, com Salazar, ser pobre era ser como um cão. Então, tinha que me afirmar de alguma forma, de maneira a tentar eliminar e encobrir isso o mais possível.” Era uma coisa que vinha de dentro e que contagiava quem o via e ouvia. “Nos concertos, os fãs pegavam-me ao colo, punham-me às cavalitas e levavam-me de volta ao palco. Era uma coisa inacreditável. Era gente que se identificava com a minha revolta, com a minha atitude.” A atitude: “Não é à toa que nos parecemos como parecemos. Pomo-nos como nos gostamos de ver”, afirma. Usava calças pretas muito apertadas, usava tudo muito apertado, botas brancas à Elton John, com aquele tacão alto e um casaco de linze lindíssimo, mas sem mangas. Depois, tinha um *tattoo* dos pára-queidistas e aquilo tudo em conjunto dava-me aquele ar feroz”.

### A arte de fazer rock’n’roll

Com os Pentágono, ganhou protagonismo enquanto vocalista, com o rock psicadélico dos Psico cimentou-o. Nos Arte & Ofício, por onde passaram nomes como António Pinho Vargas ou André Sarbib, constrói, em conjunto com os companheiros de banda, um capítulo de relevo na música portuguesa dos anos 1970. Sintonizados com a criatividade anglo-saxónica do período, criam um inesperado e inventivo *melting-pot* de influências, qual centro para onde confluíssem Gentle Giant, Weather Report, Led Zeppelin, Herbie Hancock, os Free e King Crimson. Muito populares, são das primeiras bandas a cumprir verdadeiras digressões nacionais e destacam-se em actuações com os Can, Joe Jackson ou Stranglers nas suas passagens por Portugal. Deixam, igualmente, um precioso espólio discográfico, com destaque para *Faces*, de 1979 que, nunca foi alvo de reedição. Uma discussão demasiado acalorada levaria a que, pouco após a edição, Garcez abandonasse a banda.

Os Arte & Ofício continuaram e editariam um segundo disco, *Danza*, antes de terminarem. Sérgio Castro e Álvaro Azevedo, em paralelo e quase por brincadeira, criam os Trabalhadores do Comércio. Inesperadamente, tornam-se um dos grandes sucessos do *boom* do rock português. Nessa altura, já António se entregara a nova aventura, os Roxigénio. Autores de rock descarnado, qual ponte entre *hard-rock* psicadélico e ferocidade punk, têm vida intensa e turbulenta. A gravação do primeiro álbum, homónimo, ilustra-o bem. Foi gravado em 24 horas, divididas por três dias, e acabou com o baterista, que insistia em gravar mais *takes* quando o tempo não abundava, no hospital após uma discussão – seria despedido logo a seguir e nem surge na capa do disco. Apesar das letras pouco trabalhadas, – “aquilo nem é inglês, não tive tempo para fazer nada” –, o álbum acabaria destacado como o melhor do ano em algumas publicações. Haveria mais discos, 2, em 1982, e *Rock’n’roll men*, em 1983, mas os ventos de mudança na música portuguesa teriam o seu efeito.

Bandas portuguesas a cantar em inglês passaram a ser vistas como coisa do passado e os Roxigénio foram vítimas desse processo. Nessa altura, António Garcez recusou mudar. Parecia-lhe oportunista fazê-lo. “Eu estava focado na arte, na arte de fazer rock’n’roll e a língua, para mim, não interessava nada”. António Garcez continuava a perseguir, como antes, como agora, aquela indefinível sensação de libertação de que nos falou. Talvez por isso não tenha grande paciência para as gravações – “não quero ficar dois anos em estúdio como os U2”. E, precisamente por isso, compreendemos bem quando nos diz que “não precisa de uma letra para transmitir nada, até porque muitas vezes a voz era inaudível”. O que interessa “é um gajo estar ali”. Ali, no palco em que ele está a imaginar-se quando, numa esplanada em Lisboa com o Tejo ao lado, lança ao ar um par de gritos e *yeahs* de *rocker* muito vivo e ainda entusiasmado. “Tenho orgulho de tudo o que fiz. Às vezes digo para mim mesmo: ‘Era realmente um grande cantor’”. Era um comboio a vapor, mas de alta velocidade.

Os Roxigénio terminariam e António Garcez arriscaria juntar-se aos novos ventos nos fugazes Stick. Algures em 1986, é convidado para ir aos Açores para uma entrevista sobre a sua carreira. Sem o saber, o *rocker* estava a caminho da sua segunda vida. “Vinde ver isto”, diz-nos 36 anos depois. Nós vemos e espantamo-nos. São realmente extraordinárias as vidas deste António Garcez que regressa.